

## **Espanhóis *versus* ameríndios: da alteridade ao distanciamento cultural que culminou em sangue**

**Susan Lauren Zille Machado.**

Graduanda do curso de História, FURG/RS.

E-mail: [slzilemachado@yahoo.com.br](mailto:slzilemachado@yahoo.com.br).

### **Resumo:**

O presente trabalho visa através da visão europeia identificar e reconstituir o motivo principal que incentivou estes homens à guerra. Assim utilizaremos como fontes as epístolas do navegador/explorador Hernán Cortés e do frei Bartolomeu de Las Casas. Focados no conceito de alteridade fundamentado por Tzvetan Todorov e Huberto Rohden, ao distanciamento cultural, buscamos compreender o porque da supremacia da parcela espanhola em detrimento da ameríndia.

**Palavras-chave:** Expansões Ultramarinas, Espanha/Ameríndios, Alteridade, Distanciamento Cultural, Guerras, Mortes.

### **Abstract:**

The present work through the European perspective to identify and trace the main reason that encouraged these men to war. So we will use as sources of the letters browser / explorer Hernán Cortés and the Fray Bartolome de Las Casas. Focused on the concept of otherness founded by Tzvetan Todorov and Hubert Rohden, the cultural distance, we seek to understand why the supremacy of the Spanish portion of the expense of American.

**Key word:** Expansion Overseas, Spain /Native Americans, Alterity, cultural distance, war, death.

### **Resumen:**

El presente trabajo a través de la perspectiva europea para identificar y rastrear la razón principal que anima a estos hombres a la guerra. Así que vamos a usar las tarjetas como las fuentes del navegador / explorador Hernán Cortés y Fray Bartolomé de Las Casas. Centrado en el concepto de la alteridad, fundada por Tzvetan Todorov y Hubert Rohden, la distancia cultural, tratamos de comprender por qué la supremacía española sobre los indios de América.

**Palabras Claves:** Expansión en el extranjero, España/nativos americanos, la alteridad, la distancia cultural, la guerra, la muerte.

## **Introdução**

Na sociedade medieval após criações e reelaborações estruturais, como por exemplo, as inovações agrícolas que permitiam novas formas de produzir, o ressurgimento comercial com as novas rotas que se tornaram propícias após o movimento das Cruzadas e uma diminuição dos períodos de guerra, arraigou-se uma nova camada social: a burguesia. Essa se dedicou ao comércio e com o passar do tempo fomentou a economia. Além disso, almejando por segurança constroem habitações protegidas por muros, chamadas de burgos, que darão origem as cidades. Dessa maneira, elas abrigarão além dos burgueses, novas profissões e esses elementos associados permitem aflorar um novo objeto de interesse: o conhecimento.

Esse período onde se efetiva a busca do saber até então elaborado e concentrado nas mãos dos religiosos, chama-se Renascença ou Renascimento. Surgiu na Itália e é fundamentado pelo renascimento do passado, no caso as civilizações greco-romanas, agora tidas como inspiração e modelo. Também apresenta como característica o Humanismo, ou seja, a supervalorização do homem e da natureza, esses em oposição aos aspectos unicamente divinos. O homem a partir de então, está no centro do Universo (Antropocentrismo) e afirma a autoridade soberana da razão (Racionalismo). Igualmente a conquista de novos territórios com as navegações, se incluem nesse movimento.

## **Expansões Ultramarinas: Uma breve contextualização**

Nos séculos XV e XVI a Espanha juntamente com Portugal foram os pioneiros a se aventurar pelos mares. A maioria das crenças e práticas sofriam mudanças e com o abandono progressivo do feudalismo a Europa rumava a uma nova época, a Modernidade. O absolutismo monárquico igualmente ganhava força e foram justamente os reis que incentivaram a empreitada marítima, na Espanha temos o exemplo de Isabel e Fernando (conhecidos como os Reis Católicos). Porém, outros fatores também contribuíram para o sucesso da aventura além mar: as inovações científicas e tecnológicas, que permitiram a gradual superação do medo de explorar o desconhecido.

Antes da chegada dos espanhóis na América, outros povos já haviam ali se fixado ao exemplo dos Maias, Astecas e Incas. Porém somente os dois últimos ainda existiam quando ocorreu o contato com os europeus, respectivamente com Hernán Cortéz em 1519 e Francisco Pizarro em 1532. Tais populações, provocaram a atenção dos invasores/conquistadores quando de suas chegadas, fato esse que se perpetua atualmente em

decorrência de sua organização social, das inovações nas técnicas agrícolas, peculiaridades religiosas, por sua arquitetura e artesanato. Porém, autóctones e espanhóis estavam inseridos em tradições antagônicas, com visões díspares de mundo e seu encontro causou enorme colapso. As guerras foram constantes, logo a seguir a fase das interações iniciais. Precisamente as fontes, as epístolas que navegadores como Cortéz remetiam à Coroa e os relatos do frei Bartolomeu de Las Casas, nos informam sobre isto:

“Ele rogou que lhes deixassem tomar água e que logo se iriam, mas no outro dia, antes da hora da missa, os índios atacaram com seus arcos e flechas, matando um espanhol e ferindo o capitão Grijalba e a muitos outros.” (CORTÉZ, 2008, p. 15)

“Os espanhóis lhes davam bofetadas, socos e bastonadas e se ingeriam em sua vida até deitar a mão sobre os senhores das cidades.” (LAS CASAS, 2008, p. 30)

Os motivos pelos quais a convivência pacífica não ocorreu entre as duas civilizações é o que abordamos a seguir.

### **A causa da diferença:**

Para tratarmos a questão dos motivos pelos quais europeus e ameríndios não conseguiram conviver de forma pacífica no mesmo espaço geográfico, que mais tarde seria denominado América, é necessário compreender o que os tornava tão diferentes uns dos outros. Sabe-se que as possibilidades de análise no que tange este tema são muito vastas, porém optamos aqui por enfatizar a cultura.

Porém, antes devemos levar em consideração a definição da palavra *alteridade*, de acordo como o próprio dicionário Michaelis de língua portuguesa o apresenta: Estado ou qualidade do que é outro, distinto, diferente. Assim, para autores como Tzvetan Todorov e Huberto Rohden que trabalham com esta definição, é somente a partir do contato com o *outro* que o indivíduo (ou seja, o próprio *eu*) se reconhece e se identifica enquanto sujeito ativo na realidade à qual pertence. Dessa forma, o indivíduo/sujeito apenas torna-se ou pode ser considerado um *ser* na medida em que esse se completa, quando interage com os outros agentes pertencentes ao mesmo processo histórico que ele. Em primeira instância esta interação proposta deveria ocorrer de forma pacífica, pois o contato com o que Rohden denomina por *Verso* (ou *outro*) é o que proporciona o pleno desenvolvimento do homem em sua caminhada existencial.

Quando isto não ocorre, o que se verifica então é o aparecimento de um fenômeno: o reconhecimento por parte de um ou talvez de ambos os lados, da supremacia da sua cultura em detrimento da outra, ou seja, uma auto-afirmação. O que se pode se compreender por *auto-afirmação*? O termo afirmação denotativamente significa dentre outras coisas: **1.** Ato de afirmar ou de sustentar como verdadeiro. Portanto de acordo com esses parâmetros, se auto-afirmar nada mais é do que identificar os seus modelos culturais como os mais adequados, no caso, verdadeiros. A estranheza causada pelo encontro de mundos tão dissonantes e composto por homens com pensamentos e interesses adversos ocasionou certo colapso nas convicções dos espanhóis, obrigando-os a refletir sobre toda a complexa estrutura social que encontraram além-mar, e inferimos que a apreensão em relação ao diferente proporcionou que se voltassem mais para um “algo conhecido”, este nada mais é nesse momento do que o próprio mundo onde viviam com suas práticas e instituições, a Europa.

Dessa maneira, a supremacia européia se dava como podemos constatar de duas formas: uma de cunho ideológico (justamente por se sentirem superiores) devido à própria questão da alteridade e reflexo do processo Renascentista, e outro no qual nos focaremos a seguir referente a cultura. Aqui ela será limitada apenas ao campo espanhol tendo em vista os seguintes aspectos: conhecimentos/saberes adquiridos, tecnologia e religião; buscando coaduná-los para que haja assim um melhor esclarecimento sobre o porquê da ocorrência das guerras e da hegemonia deste povo.

### **Uma questão cultural:**

Já estabelecidos os parâmetros metodológicos que vão nos orientar neste trabalho, passaremos ao exame do que consistia com base nos três aspectos anteriormente citados, a desarmonia cultural que ocasionou o genocídio indígena.

Primeiramente, devemos compreender a vasta gama de conhecimentos e saberes adquiridos por parte dos europeus e que contrastava intensamente com a dos ameríndios. Nossa intenção ao afirmar isto não é supervalorizá-la, mas, ao contrário, realizar um contraponto acerca dos interesses e objetivos desse desenvolvimento do intelecto, noções de experiências vividas, onde estes homens se obrigaram a pensar e repensar diferentes aspectos de sua realidade. O Renascimento tido para alguns historiadores como marco divisório entre a Idade Média e a Moderna, se caracteriza justamente pelo período onde se efetivam inúmeras mudanças de cunho ideológico e que por conseguinte alteraram os setores sociais, econômicos e religiosos. Os homens aspiravam o conhecimento, tanto de si mesmos como do mundo exterior. Eles almejavam avidamente suprir as lacunas que carregavam internamente, pois

durante tantos anos não lhes foi permitido obter respostas ou ao menos indícios destas. O saber até então esteve restrito exclusivamente aos religiosos, mas novos tempos advinham. A época das aventuras, tanto no campo intelectual apesar do perigo da perseguição da Inquisição; como marítimo, onde homens insatisfeitos com as verdades estanques propagadas lançaram-se ao encontro às suas próprias convicções. Era o homem agora dono da razão e de si mesmo, capaz de desbravar os medos e lendas que durante séculos rodearam seus pensamentos. De forma que, esta busca por solucionar questões existenciais sempre esteve presente na mente dos homens, inerente ao momento histórico ao qual pertenciam. Porém, a ênfase na Renascença destaca-se justamente pela evidente manifestação da inquietude humana, não só em nível particular mas igualmente coletivo. Visto que, transfigurou de forma intensa e irrevogável o cenário da Europa, segundo o historiador e arqueólogo Arno Kern:

“O planeta Terra é explorado, as rotas marítimas se ampliam, os comerciantes, os conquistadores e os missionários descobrem novas terras e novas etnias.” (KERN, 1994, p.19)

Outro fator determinante e imbricado ao ponto anterior da busca por novos conhecimentos/saberes temos o desenvolvimento tecnológico, incluindo o bélico. Desde a iniciativa de navegar, o bom decorrer da viagem, a chegada em territórios de climas até então inóspitos para os espanhóis, até o assentamento nesses locais, foram todos possíveis essencialmente por este avanço científico. E, com o acréscimo da criação de animais até então desconhecidos pelos ameríndios, os cavalos por exemplo, foram determinantes nos períodos de guerra e favoreceram a supremacia europeia.

Por último, mas de igual relevância temos a religião, pois sendo os espanhóis um povo extremamente ligado aos dogmas do catolicismo, não aceitaram as crenças existentes na América. Assim, viam a população local como desprovida de conhecimentos sobre a verdadeira fé (aquela imposta pela Igreja católica) e classificava-os como gentios, ou seja, aqueles que professam o paganismo, infiéis (fato reforçado pela representação dos deuses autóctones, interpretados pelos europeus como demônios). Assim a devoção indígena e principalmente as práticas realizadas nos cultos, não foram aceitas pelos recém-chegados, devidamente pela presença de elementos muito adversos à concepção que estes possuíam. Podemos citar como um dos muitos rituais mítico-religiosos que causaram espanto nos invasores/conquistadores, o realizado para o Deus Asteca da guerra, Huitzilopochtli. Dessa forma, acreditavam ser necessário para o sol não se extinguir e manter a ordem do mundo ao qual viviam, oferecer ao Deus regularmente sangue humano, pois este conteria substâncias mágicas. Assim, eram efetuados sacrifícios com a captura de prisioneiros de tribos vizinhas para as imolações.

Em função de toda essa enorme dissonância, os europeus se julgavam responsáveis pela “salvação” dos ameríndios no pós-vida (relevância para a presença jesuíta na América), mas o que se seguiu foi a multiplicação de inúmeros mal-entendidos, a começar pela própria língua e a dificuldade de associação de seus santos com os deuses locais. Esta tentativa de assimilação cultural e religiosa somente ocorreu por parte dos índios, pois os espanhóis almejavam uma substituição imediata.

### **Conclusão:**

Em virtude de tudo o que foi apresentado e discutido neste trabalho, torna-se claramente perceptível o quanto foi dificultosa a manutenção de uma convivência harmônica de ambos os lados, mas em especial do europeu. Devemos considerar, sem com isso justificar determinadas atitudes, a magnitude que a expansão ultramarina representou naquele contexto para a Espanha. Como já mencionamos, o Velho Mundo de forma praticamente unânime passava por uma época de “libertação” do jugo em que permaneceu durante muito tempo, de uma sociedade onde uma minoria oprimia e limitava uma parcela maior. Isso fez com que em suas cabeças prematuramente se elaborassem pensamentos de vanguarda que estimularam uma determinada confiança, fundamentaram certezas. Estas, se mostraram com mais proeminência justamente quando o contato com o outro se tornou real, com alusão a um possível convívio diário. O que fez com que isto não se efetivasse foi a barreira que a curto prazo era intransponível, a nítida separação dos povos: a questão cultural. Acreditamos que por o Racionalismo manifestar-se na Europa e não na América, possibilidade praticamente remota, caberia aos espanhóis a tentativas de superação destas divergências. Porém, já mostramos qual foi a alternativa mais recorrente, foram as guerras: a imposição por meio da força e da violência; o acultramento e se não, o massacre. Sustentamos que a intenção aqui não é elevar determinado povo e cultura em detrimento de outros, pois temos total conhecimento da complexa organização social que tanto Astecas e Incas construíram ao longo do tempo. Porém, a convicção que estava se inaugurando interiormente nos que pertenciam ao momento renascentista rumo ao moderno e que de certa forma permitia que se auto-reconhecessem enquanto homens mais desenvolvidos; superiores aos demais, foi o que agravou a já existente situação da disparidade cultural que distanciava os agente históricos envolvidos.

Assim, concluímos que dentro de nossas atuais possibilidades analíticas e interpretativas e sem a intenção de enclausurar o tema que é deveras abrangente, conseguimos

delimitar um dos motivos, a nosso ver o principal, que propiciou a guerra e esclarecer a maior taxa de mortalidade ser indígena.

## **Referências:**

AMADO, Janaína & GARCIA, Ledonias Franco. *Navegar é preciso: grandes descobrimentos marítimos europeus*. 18 ed. São Paulo: Atual, 1989.

BURKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORTÉZ, Hernán. *A conquista do México*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FEBVRE, Lucien. *Onde nasceu o conceito de Renascença?*. In: Michelet e a Renascença. São Paulo: Editora SCRITTA, 1995.

GLENISSON, Jean. *História e tempo: A Renascença*. In: Iniciação aos Estudos Históricos. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora DIFEL, 1979.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do Imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KERN, Arno Alvarez. *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

LAS CASAS, Bartolomé de. *O paraíso destruído*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Online*. (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>).

ROHDEN, Huberto. *O Homem e o Universo*. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 1990.

SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas na véspera da conquista espanhola*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *Aconquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.